

Educação popular: um outro olhar para a saúde

Ronaldo dos Santos Travassos

Em alguns dos capítulos anteriores você passou a conhecer um pouco mais sobre as propostas de Paulo Freire e da educação popular no Brasil. Assim como em outros países, principalmente na América Latina, estas propostas têm como ponto fundamental o compromisso com as camadas mais pobres da população e com as lutas contra as desigualdades sociais. A educação popular não se apresenta como um modelo único e nem é uma prática nova no caminho de superação das práticas pedagógicas tradicionais. Ela também não se constitui como um sistema alternativo de ensino, mas sim como um domínio de ideias e práticas que buscam um novo sentido de educar, que aceita duvidar das próprias condições de produção científica e das certezas alcançadas.

Para compreender a educação popular é preciso perceber que as pessoas se educam entre si, e, no seu cotidiano, criam formas para fazer com que o saber, as ideias e as crenças se tornem um bem comunitário, pertencente a todos, como tudo o que é construído pelo trabalho e durante a vida na comunidade.

Neste ambiente comunitário se valoriza o saber pela vivência. A convivência entre as pessoas possibilita a circulação dos saberes. Em momentos de aprender, aqueles que sabem guiam e orientam os que aprendem, em tempos raramente reservados apenas para o ato de ensinar. São momentos que podemos denominar como situações de aprendizagem. Geralmente aqueles que aprendem observam pessoas que adquiriram, durante sua vida, saberes construídos na vida da comunidade.

No saber coletivo e popular, ensinar e aprender tornam-se imprescindíveis para que os sujeitos sociais – homens e mulheres de qualquer grupo – sobrevivam no presente e através do tempo. A convivência nos diversos espaços, tais como no trabalho, tem potencial para o exercício



da aprendizagem e da circulação e produção de saber sobre diferentes questões que o dia a dia nos coloca.

Em um pequeno livro chamado *O que é educação popular*, Brandão (1982) nos mostra como, durante boa parte da história da humanidade, a prática pedagógica e os processos de ensino aprendizagem aconteciam em meio a outras práticas sociais, imersos nas atividades cotidianas dos sujeitos. Como pudemos ver no primeiro capítulo deste livro, espaços especializados para o ensino, como as escolas, são uma criação tardia da humanidade. Vale dizer que, mesmo hoje, em algumas comunidades indígenas, estes espaços são inexistentes.

Veja o que Brandão (1982) nos diz:

Enquanto o trabalho produtivo não se dividiu socialmente e um poder comunitário não se separou da vida social, também o saber necessário não teria existido separado da própria vida. Fora alguns poucos especialistas de artes e ofícios, como os da religião primitiva, em algumas tribos, com pequenas diferenças todos sabiam tudo e entre si se ensinavam-e-aprendiam, seja na rotina do trabalho, seja durante raros ritos onde, solenes e sagrados, os homens falavam aos deuses para, na verdade, ensinarem a si próprios quem eram eles, e por quê. Esta foi uma primeira educação popular (p. 11).

Dessa forma, percebemos que o saber popular se produz de forma diferente daquilo que consideramos, comumente, como verdadeiro conhecimento, ou ciência, produzida nas instituições de ensino e pesquisa a partir de uma metodologia específica.

A perspectiva freirena de educação tem como pressuposto a ideia de que as mudanças da realidade são realizadas pelo saber da ciência em interação com outros saberes. O processo ensino-aprendizagem se dá por meio da experiência e convivência com o outro, ou seja, pela construção compartilhada do conhecimento, originando saberes diversos capazes de comportar anseios e desejos de indivíduos e grupos.

Entretanto, numa sociedade fragmentada com divisões desiguais de poder e de trabalho, como a nossa, só se valoriza o saber que é produzido e dominado pelos especialistas. Profissionais detentores de conhecimentos especializados, originários das instituições responsáveis pelo trabalho edu-



cativo nas diversas áreas do conhecimento, consideram-se com o direito natural de comandar aqueles que ainda não alcançaram ‘níveis superiores’.

O sentido de ensinar e aprender mais presente hoje nas práticas educativas se baseia na noção de repasse de informações. Em contrapartida, a educação popular propõe investir em formas de construção e socialização dos saberes nas comunidades. Esse é o primeiro sentido da *educação popular*.

Educação popular em saúde

Como você pôde ler no capítulo “História da educação em saúde no Brasil”, ao buscar um contato maior com as classes populares, muitos profissionais de saúde se aproximaram das discussões da educação popular. É a partir desta aproximação que surge a educação popular em saúde.

Na educação popular em saúde, o ponto de partida do processo pedagógico é o saber coletivo construído pela comunidade. Isso significa ter como base as experiências das pessoas, dos grupos sociais e das organizações populares na luta por melhores condições de saúde, sem discriminação de gênero, de raça e etnia. Portanto, ela admite um outro saber além do técnico científico que usualmente define as práticas de saúde. Admitir outro saber significa valorizar o diálogo entre o saber dos profissionais da saúde e os saberes da comunidade.

Nas práticas de educação popular em saúde a noção de cuidado é fundamental para interação entre os profissionais e a comunidade. Nestas práticas, o cuidado deve ser pensado nas relações estabelecidas entre as pessoas em sua convivência e com seus valores culturais. As diversas práticas de educação popular em saúde alcançarão seu objetivo quanto mais estiverem articuladas com a forma de vida das pessoas. A interação social estabelecida pelo diálogo é o primeiro passo para lidar com as dificuldades encontradas, dúvidas ou incertezas do resultado das ações da saúde sobre a comunidade.



Assim, deve-se valorizar o processo, o caminho construído e não só as técnicas, ou as orientações dos profissionais de saúde. É preciso levar em conta a possibilidade de as pessoas se manifestarem como sujeitos da comunidade, de colocarem sua opinião, de dizerem o que estão sentindo. Valorizar a possibilidade dos sujeitos de ajudar a produzir novos saberes e encontrar novas soluções, já que, muitas vezes, aquilo que é determinado como certeza absoluta impede o aparecimento de novos saberes.

Perguntar faz bem à saúde

Um ponto importante a ressaltar sobre a educação popular em saúde é que ela procura sempre ampliar o olhar da população sobre as diferentes questões vividas pelos sujeitos, problematizando as condições de vida e saúde da comunidade.

Como estamos vivendo em nossa comunidade? Podemos partir dessa pergunta para compreender a realidade em que vivemos. O que queremos chamar a atenção é que as práticas de educação popular em saúde precisam se basear em perguntas sobre as condições de vida e saúde da comunidade.

A ação de problematizar nos ajuda a conhecer os problemas que interferem na vida da população, bem como a pensar novas formas de agir sobre eles. As pessoas desafiadas a buscar soluções para resolver os problemas, também se transformam ao compreender seu papel transformador. Então, perguntar é problematizar a realidade¹, é um processo pedagógico que fortalece as pessoas para intervirem sobre sua realidade.

Quanto mais se problematiza a realidade, mais estaremos sendo desafiados a responder aos seus desafios. Além disso, obrigados a respon-

¹ No capítulo “Diferentes maneiras de compreender a ação educativa” abordamos algumas características da pedagogia problematizadora de Paulo Freire.



der aos desafios e pensar junto com outras pessoas, compreendemos como os problemas não são individuais, mas sim de toda comunidade.

É conversando que se aprende: a roda de conversa

Uma maneira proposta pela educação popular para favorecer o diálogo entre os profissionais de saúde e a comunidade é a roda de conversa. A roda de conversa, como nome já diz, é para conversar. Conversar sobre o que? Sobre o que é importante conversar? Sobre tudo aquilo que faz parte da vida da comunidade. Naturalmente, são temas escolhidos em comum acordo entre todos que dela participam.

Então estamos em um espaço de diálogo, onde as diferentes opiniões dos participantes possibilitam a revelação de experiências individuais e de maneiras de compreender a vida. Com isso, nascem novas ideias que são aceitas como construção coletiva. É um lugar onde a palavra do outro pode ser acolhida. Ali todos têm a liberdade de falar o que pensam, de colocar suas opiniões sobre o tema. Ouvindo o outro, podemos refazer nossas ideias e ampliar a construção coletiva do saber popular.

Na roda de conversa precisamos ter um mínimo de organização, porque se todos falarem de uma só vez, ninguém ouve o outro. Pois bem, podemos eleger um mediador, aquela pessoa que vai conduzir a conversa, que denominamos como educador popular. Veja bem, isso não significa que ele detém o poder sobre o grupo. A função do educador popular é ficar atento para que o grupo não se perca na discussão, mantendo toda atenção ao tema escolhido, e garantir a fala de todos.

Outro papel importante na roda de conversa é o do relator que deve estar atento às falas e às propostas que surgem. Deve registrar, a sua maneira – anotar, fotografar, desenhar, confeccionar um mural etc. – tudo o que acontecer. No final, tanto o educador popular como o relator deverão apresentar



relatório final – uma síntese – de tudo que foi falado, para aprovação do grupo. Esta síntese deve procurar contemplar os caminhos para colocar em prática aquilo que foi decidido como necessário à vida da comunidade.

Círculo de cultura: uma proposta pedagógica grupal para compartilhar o saber

Outra proposta metodológica da educação popular é o círculo de cultura. O círculo de cultura é um espaço com propósito educativo em que se manifestam diversas formas de pensar e se entrelaçam diferentes saberes. Nele, assumimos a experiência do diálogo de forma coletiva e solidária em todos os momentos do processo, de maneira que o conhecimento gerado seja resultante dessas situações. O diálogo não se reduz a um instrumento metodológico. Sua importância está na forma de comunicação em que o papel do educador, de orientar as falas sobre o **tema gerador**, é superado pelas dife-



Glossário

O que é tema gerador?



Proposto por Paulo Freire, em sua pedagogia problematizadora, o tema gerador torna-se um conteúdo a ser abordado por meio do diálogo e da reflexão crítica nas ações educativas. O tema é denominado ‘gerador’ porque sua discussão pode gerar outros temas a ele relacionados, que por sua vez, provocam novas discussões. É um tema que tem relação direta com o contexto de vida de determinada população, com suas situações-limite.

renças de opinião expressas pelos educandos. É a forma como o diálogo potencializa os saberes, que estão disponíveis nesse espaço de aprendizagem

O processo dialógico permite novos olhares sobre o tema e rompe com as aparências, porque nasce da realidade concreta num ambiente de construção coletiva. O tema só faz sentido na medida em que é produzido como um modo de apreender a realidade. A seleção dos conteúdos é, portanto, muito importante. Ela se dá por meio da problematização de uma situação concreta, que vai produzir outros temas geradores. Na busca dos temas geradores são revelados conteúdos que estavam submersos, fragmentados e encobertos por uma ideologia e interesses dominantes. No pequeno trecho a seguir, você pode ver como Paulo Freire relacionava o uso do **círculo de cultura** à maneira como compreendia o processo educativo².

Os Círculos de Cultura eram espaços em que dialogicamente se ensinava e se aprendia. Em que se conhecia em lugar de se fazer transferência de conhecimento. Em que se produzia conhecimento em lugar da justaposição ou da superposição de conhecimentos feitas pelo educador ou sobre o educando. Em que se construía novas hipóteses de leitura do mundo (FREIRE, 1994, p. 155).

O círculo de cultura sugere ampliar o espaço de ensino-aprendizagem, diversificar, bem como enriquecer as atividades educativas com base na participação dos educandos nos diferentes espaços e tempos das relações pedagógicas. Veja no box a seguir como Paulo Freire propunha a organização destes diálogos no círculo de cultura.

Os círculos de cultura e as rodas de conversa como espaços de aprendizagem, de cuidado e de promoção da saúde são reconhecidos por proporcionarem a integração entre profissionais e usuários, estimularem a comunicação, favorecerem o compartilhar de saberes e opiniões.

² Você pode conhecer mais sobre esta concepção no capítulo: “Diferentes maneiras de compreender a ação educativa”.



Para saber mais

Círculo de cultura

A ideia do círculo de cultura foi concebida na década de 1960, por Paulo Freire. Inicialmente, o círculo de cultura era composto por trabalhadores populares que se reuniam sob a coordenação de um educador com a finalidade de discutir temas do interesse dos próprios trabalhadores. Em seguida foi adaptado para a alfabetização de adultos, pois interessava a Paulo Freire propor um método baseado no diálogo, e que valorizasse os saberes dos alunos e sua cultura. O círculo de cultura rompia com a ideia tradicional de escola.

Nas palavras de Paulo Freire: “Em lugar do professor, com tradições fortemente ‘doadoras’, o *coordenador de debates*. Em lugar de aula discursiva, o *diálogo*. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o *participante de grupo*” (FREIRE, 1974, p. 103, grifos nossos). Os participantes ficavam posicionados em **círculo**, junto com o coordenador, diferentemente da organização tradicional da sala de aula, em que os alunos estão sentados enfileirados de frente para o professor.

No texto de Vera Dantas e Angela Linhares (2013), as autoras apresentam a proposta dos círculos de cultura a partir de três momentos. O primeiro momento é a investigação do universo vocabular, a partir do qual são extraídas palavras geradoras. Este momento permite o contato mais aproximado com a linguagem, as singularidades nas formas de falar do povo, e suas experiências de vida no local. Ele permite ao educador interagir no processo e definir seu ponto de partida, que se traduzirá no tema gerador geral. O segundo momento é chamado tematização. Trata-se do processo no qual os temas e as palavras geradoras, escolhidos a partir da preocupação dos trabalhadores, são apresentados e discutidos. Considera-se que cada pessoa, cada grupo envolvido na ação pedagógica,



dispõe em si próprio, ainda que de forma incipiente, dos conteúdos necessários para a discussão. Procura-se possibilitar a ampliação do conhecimento e a compreensão dos educandos sobre a própria realidade, na perspectiva de intervir sobre ela. A preocupação não está em transmitir conteúdos específicos e prontos, mas despertar uma nova forma de relação com o mundo e com a experiência vivida por cada um. O terceiro momento é intitulado problematização. A ação de problematizar em Paulo Freire enfatiza a discussão dos problemas surgidos da observação da realidade com todas as suas contradições, buscando explicações que o ajudem a transformá-la. O sujeito, por sua vez, também se transforma na ação de problematizar e passa a detectar novos problemas na sua realidade e assim sucessivamente.

O diálogo se constitui como elemento-chave a partir do qual educadores e educandos são sujeitos atuantes. O diálogo, nessa perspectiva, tem a amorosidade como dimensão fundante, contrapondo-se a ideia de opressão e dominação. Situa a humildade como princípio no qual o educador e o educando se percebem sujeitos aprendentes, inacabados, porém jamais ignorantes.

Referências

DANTAS, Vera Lúcia; LINHARES, Ângela Maria Bessa. Círculos de Cultura: problematização da realidade e protagonismo popular. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Estratégica e Participativa. *Caderno de educação popular em saúde*: volume 2. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. p. 73 – 76. Disponível em: <<http://portal.arquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/novembro/10/Miolo-Caderno-EPS2.pdf>>. Acesso em: 18 dez 2019

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.



Atividade

Converse com seus colegas sobre como são desenvolvidas as atividades de educação em saúde nas unidades de saúde e procure pensar se elas são desenvolvidas com base nas contribuições da educação popular.



Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação popular*: São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

